

Entre a euforia e a prudência

O mercado financeiro tem uma forma peculiar — quase cruel — de nos lembrar que a euforia e o desespero são dois lados da mesma moeda. Em um mês, investidores brindam ganhos históricos; no outro, veem seus portfólios evaporarem em meio a correções inesperadas.

Março foi um desses meses que exige leitura cuidadosa. Vimos, por um lado, indicadores que apontam para uma economia resiliente e, por outro, sinais preocupantes de desequilíbrio. Como diria Ray Dalio, “dinheiro em excesso pode ser um problema tão sério quanto sua escassez”. Esse excesso, mal alocado, muitas vezes é o combustível silencioso de futuras crises.

O Brasil navegou em águas ambíguas ao longo de março. O Ibovespa rompeu a barreira dos 130 mil pontos, encerrando o mês em 130.259, impulsionado por um otimismo em setores como commodities e alimentos. Esse movimento foi embalado pela percepção de que, apesar dos desafios internos, o país oferece oportunidades de retorno atrativas, especialmente para o capital estrangeiro. Porém, essa euforia contrasta com o endurecimento da política monetária: o Banco Central elevou a taxa Selic para 14,25% ao ano — o maior patamar desde 2016 —, em uma tentativa de conter uma inflação projetada em 5,68% para 2025. A elevação da Selic é uma faca de dois gumes: enquanto atrai capital externo, encarece o crédito e desestimula o consumo e o investimento produtivo.

Mesmo com esse cenário de juros altos, o PIB registrou uma leve alta de 0,3% em janeiro, embora os sinais de desaceleração estejam cada vez mais evidentes. O governo mantém a projeção de crescimento em 2,3% para o ano, mas enfrenta desafios fiscais consideráveis, como a necessidade de realocar R\$ 40 bilhões no orçamento para atender tanto aos compromissos previdenciários quanto aos programas sociais. No câmbio, o dólar recuou para R\$ 5,70, refletindo o apetite estrangeiro por ativos brasileiros diante da alta dos juros, o que fortalece o Real no curto prazo, mas também pode causar distorções cambiais com o tempo.

Esse fortalecimento do Real tem efeitos positivos aparentes. Com maior liquidez interna e dólar mais barato, produtos importados ficam menos onerosos, o que pode suavizar parte da inflação. Também reduz a pressão sobre o Banco Central para atuar no câmbio e beneficia quem tem viagens planejadas para o exterior. No entanto, esse movimento também levanta questionamentos sobre sua sustentabilidade. A valorização excessiva da moeda nacional pode prejudicar exportadores e gerar desequilíbrios na balança comercial a longo prazo.

Do outro lado da moeda, o crédito mais caro começa a pesar. Financiamentos, empréstimos e parcelamentos se tornam menos acessíveis. Isso impacta diretamente empresas que precisam de capital para expandir suas operações e também a população em geral, que muitas vezes depende do crédito para adquirir bens duráveis como veículos, eletrodomésticos ou imóveis. A consequência direta disso é uma desaceleração no consumo, o que afeta o varejo e outras cadeias produtivas.

A situação do varejo, inclusive, já mostra sinais de fragilidade. O endividamento das famílias brasileiras continua em trajetória ascendente. Cerca de 30% da renda familiar já está comprometida com dívidas, sendo que boa parte recorre ao cartão de crédito e, pior ainda, ao rotativo — um tipo de crédito com taxas exorbitantes. Esse comportamento cria um ciclo perigoso e insustentável, no qual o consumo é mantido artificialmente, enquanto a base financeira das famílias se deteriora.

No agronegócio, mesmo com projeção de safra recorde, margens estão cada vez mais apertadas. O setor lida com o aumento nos custos operacionais, logística e financiamento, o que compromete a rentabilidade. Já as commodities continuam com preços elevados, impulsionando as exportações e fortalecendo a balança comercial. Empresas ligadas ao setor alimentício vêm se destacando na bolsa, enquanto outras, como as do setor de saúde, enfrentam queda de receitas e desvalorização.

A indústria permanece em compasso de espera, pressionada pelos juros altos, enquanto os serviços, embora frágeis, esboçam recuperação.

Outro dado curioso é o crescimento expressivo de investimentos em infraestrutura logística. A produção de caminhões bateu recordes em 2024 e a construção de galpões logísticos tem atraído volumes significativos de capital. A princípio, isso indica otimismo com o crescimento do comércio e do e-commerce. No entanto, há uma dissonância nesse entusiasmo. Se o crédito está mais caro e a economia dá sinais de desaceleração, como explicar esse investimento tão agressivo? Seria apenas uma antecipação de um ciclo de crescimento ou outra possibilidade?

Diante de tantas variáveis em movimento, o momento exige cautela. Embora os dados mais recentes sustentem um certo otimismo no mercado, o cenário macroeconômico ainda está longe de ser estável. O risco de sobrevalorização de ativos, endividamento excessivo e alavancagem setorial deve ser monitorado de perto. A história nos mostra que os momentos em que todos acreditam que "dessa vez é diferente" costumam ser os mais perigosos.

No cenário internacional vemos a política econômica de Donald Trump tomando a forma de diversas tarifas a serem aplicadas àqueles países que não quiserem negociar melhores condições comerciais com os Estados Unidos, algo que com certeza será uma preocupação mundial nos próximos meses. Uma eventual nova guerra comercial pode causar impactos negativos em todas as economias do mundo. Entre as medidas propostas, estão tarifas de até 60% sobre produtos chineses e a reintrodução de barreiras alfandegárias sobre aço, alumínio e automóveis europeus.

A volta de uma guerra comercial pode desorganizar cadeias de suprimentos, encarecer insumos industriais e provocar inflação de custos em diversos setores. Economias exportadoras — como a brasileira — podem perder competitividade e ter suas pautas comerciais ameaçadas. Além disso, a aversão ao risco pode aumentar nos mercados emergentes, provocando fuga de capitais e desvalorização cambial. Em última instância, um cenário global mais protecionista é negativo para o crescimento econômico mundial, podendo reduzir o comércio internacional e agravar tensões geopolíticas.

Diante de um quadro tão complexo, a pergunta inevitável é: o que fazer?

A resposta, embora não simples, passa por disciplina, diversificação e análise criteriosa. É preciso manter a cabeça fria mesmo quando o mercado parece eufórico, e ter cautela mesmo diante de notícias aparentemente promissoras. O investidor atento entende que ciclos econômicos não são lineares, e que o bom senso, aliado a uma estratégia sólida e alinhada com seus objetivos de longo prazo, é o que realmente faz a diferença.